

O PEDAGOGO SOCIAL: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

GONÇALVES, Reginaldo Medeiros ¹

OLIVEIRA, Gesiele ²

SANTOS, Luciane Cristina dos ³

ZILLI, Lucirda ⁴

SALVATI, Marilena Lemes Marques ⁵

Resumo:

Este estudo aponta a relevância do pedagogo social dentro do contexto educacional, com ênfase nas relações entre o pedagogo, a criança e a família, mediadas pelas políticas públicas, como fomento educacional na manutenção do trabalho pedagógico. O pedagogo é um profissional visto como instrumento de aproximação de convivência e harmonia no aprendizado da criança. À luz da trajetória pedagógica, traça-se aqui o ideal social para a aproximação e reflexão social, cuja ênfase está valor da atuação do pedagogo social. Fundamenta-se em autores como: ARANHA, Maria Lucia de Arruda, (1994), BRANDÃO, C.R, (1985), CARDIM, P. A. G, (2011), CHARLOT, Bernard, (2000), GADOTTI, Moacir, (2000), LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G, (2002), LIBÂNEO, J.C, (1998), OSORIO, Luiz Carlos, (1996), TOSCANO, Moema, (1990), VALENINE, L.D, (1995), VIGOTSKII, L. S, (2001). A necessidade de uma interação entre o pedagogo e a família, em uma abordagem pedagógica e social, promoveu evidências de transformação nos sujeitos em seus aspectos identitários e de emancipação humana.

Palavras-Chave: Pedagogia Social; Escola; Aluno; Família e Políticas Públicas.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo retreta a indagação realizada em sala de aula, do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz, da cidade de Cascavel, estado do Paraná, trazendo a discussão do tema: Como ser um pedagogo relevante na vida escolar do aluno e da família? A temática enfatiza a seguinte problemática: Ser um pedagogo para o letramento ou ser um pedagogo para a atuação transformadora na sociedade? Nesse sentido, a Educação Social tem estado em evidência nas políticas públicas, com um caráter assistencialista, logo ancorado na alienação. A intenção é que a Pedagogia assuma um caráter mais abrangente dentro do contexto educacional, isto é, que o pedagogo tenha um envolvimento efetivo junto à vida familiar e social da criança.

Segundo Toscano (1999), temos consciência que nações que priorizam a educação encontram nela um desenvolvimento humano, econômico e social, uma base de consolidação para a obtenção de instituições com estrutura funcional. Toscano (1999) nos conduz a observar a grande relevância social que o pedagogo tem dentro do seu papel de educador, levando a perceber que uma

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz. - E-mail: hadevir@bol.com.br

² Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz. - E-mail: cris.fsmarcon@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz. - E-mail: cucristinams@hotmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz. - E-mail: luci_zilli@hotmail.com

⁵ Professor Orientador do Centro Universitário Assis Gurgacz. - E-mail: marilenasalvati@hotmail.com

nação só será plenamente desenvolvida quando a educação for levada ao parâmetro de estrutura primordial, fundamental e indispensável para o crescimento social do ser humano. Aranha (1994) diz “A educação não é, porém, a simples transmissão de herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho” (ARANHA, 1994 p. 50).

Diante desse contexto, surge a indagação de como ser um pedagogo social, fora do contexto escolar e refletir todo o seu saber dentro da comunidade, onde se encontram seus alunos, sendo realmente um pedagogo preocupado com a formação do aluno em todo o seu desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano refere-se ao crescimento nos aspectos físico, intelectual, afetivo e social. O aperfeiçoamento das atividades humanas só será possível mediante a uma educação de qualidade, dessa forma, partindo do reflexo do crescimento da criança, em todos os seus aspectos, neste ato de condução da criança de um estado para o outro, o educador é efetivamente um agente de transformação de vidas.

Toscano (1999) nos fala que a escola possibilita ao aluno conquistar espaços fundamentais na socialização do indivíduo, por seu caráter democrático, uma vez que ela proporciona a todos uma determinada igualdade, na conquista de objetivos e status futuros, por meio da competência individual de cada um que se utiliza da inteligência, maturidade e perseverança. A própria Bíblia, ao explicar a necessidade da educação, nos orienta, em Provérbios capítulo vinte dois, versículo seis, da Nova Tradução Internacional em língua portuguesa: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, mesmo com o passar dos anos não se desviará deles”. (BÍBLIA)

O Pedagogo Social que procura ter uma visão transformadora de vida sabe que o seu esforço produzirá alunos maduros e habilitados para prosseguirem crescendo e assimilando novos conteúdos, para agirem em transformações concretas e permanentes. Quando se pensa em educação, tem-se em mente um processo de humanização e socialização, à medida que a ação na comunidade assimila uma transformação da sua vivência, torna-se complexa. Surgem outras organizações, iniciando uma mudança cultural diversificada.

Segundo Libâneo e Pimenta (2002), “todo educador sabe, hoje, que as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não formais, informais” (LIBÂNEO e PIMENTA, 2002 p. 29). Dentro desta visão, pode-se perceber o papel do Pedagogo Social, como incentivador do desenvolvimento humano nas relações sociais, auxiliando os seus alunos em todo o campo do conhecimento, trazendo a luz da sua existência e condições para o desenvolvimento humano em toda a suas expressões, “[...] a aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento,

não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o para frente e suscitando nele novas formações” (VIGOTSKI, 2001, p. 303).

O aluno não pode ser visto de forma fragmentada, porque ele é um todo e um ser complexo que vive e habita, tem singular relevância em seu meio social. Não se pode pensar em uma educação fora do contexto social do aluno, portanto, Aranha (1994) nos leva a refletir que é a “[...] educação informal, assim chamada por não ser organizada, mas casual e empírica, exercida a partir das vivências e com base no bom senso” (ARANHA, 1994 p. 56).

O homem é submetido a uma grande diversidade de conhecimento a partir do seu nascimento. Aprende com os seus pais e familiares normas de condutas, tornando-se um assimilador do saber. O pedagogo, partindo do senso comum, começa a sistematizar todo o aprendizado, agregando outros valores na vida e no cotidiano do aluno. Segundo Libâneo e Pimenta (2002), “elas acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e, também, nas escolas. Não é possível mais afirmar que o trabalho pedagógico se reduz ao trabalho docente nas escolas”. (LIBÂNEO e PIMENTA, 2002 p. 29). Todos os fatores contribuem para a formação da personalidade do aluno, fatores genéticos determinam a aparência externa, mas os fatores ambientais vão contribuir na formação física, social de sua personalidade. Libâneo e Pimenta (2002) nos levam a pensar que a “educação abrange outras instâncias além da sala de aula, o profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência”. (LIBÂNEO e PIMENTA, 2002 p. 29). Sendo assim, a estrutura do artigo configura-se nos seguintes tópicos: O pedagogo, uma visão da criança, Interação com a família, e a apresentação das considerações finais do estudo em destaque.

2. POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCACIONAIS

Segundo Brasil (1989), Constituição Federal, a Educação é um direito de todos e um dever do Estado, da sociedade e da família, conforme o Artigo 227 e reafirmado na LDB nº 9.394/96 na Seção III – do Ensino Fundamental, em seu Artigo 32, que salienta o seguinte:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o

fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, s/p)

Observa-se que a produção de políticas sociais públicas é uma constante na Educação Brasileira. No momento da Promulgação da Constituinte Federal de 1988 e da LDB nº 9394/96, com um diferencial, nesta pesquisa, confere-se que os direitos sociais são garantidos pela Constituição, dando legitimidade e segurança de expressão ao Povo em suas reivindicações.

Conforme Paiva (2017), o acesso à educação, pautado no número de vagas, não basta e nem garante vagas nas escolas ou um currículo bem elaborado. O sucesso ao aprendizado se faz com políticas públicas efetivas, a fim de que não ocorram a evasão escolar e repetência. Faz-se necessárias, portanto, políticas educacionais que encantem as crianças, adolescentes, jovens e adultos, pelo prazer de aprender. Para isso, a escola tem que ser visível, autônoma e com finalidades inegociáveis.

Como a educação não pode ser confundida com ensino, mas assumida como ação intencional que humaniza os sujeitos porque visa à sua formação contínua, ininterrupta, desde que nasce até o momento em que morre, fruto das suas vivências e experiências nos mais distintos espaços e ambientes de aprendizagem, chega-se a outro princípio básico na formulação de políticas públicas: o de que *aprender* é a atividade que move os sujeitos no mundo. E gera-se, então, a contradição entre a ideia de que políticas públicas de educação regram ou regulam o campo do ensino — tão corrente e de tão fácil assimilação pela sociedade — *versus* a de que políticas públicas levam a oportunidades de os sujeitos vivenciarem experiências de igualdade social e de conhecimento, para que por meio delas possam aprender. (Paiva, 2017 p. 96)

Para Paiva (2017), o estado tem o dever de sustentar as políticas públicas, tornando visível o princípio do direito à formação humana como cidadão, no qual cada um é único, com sua identidade para o viver coletivo, dentro de uma democracia cidadã.

3. O PEDAGOGO

Segundo Libâneo (2005), a formação pedagógica adquirida na universidade abre um grande leque de possibilidades para o pedagogo atuar em sala de aula, tornando-se um educador habilitado e qualificado perante às normas e práticas curriculares, sendo um exímio profissional do letramento e formador de conhecimento, junto aos seus alunos e comunidade, a qual está inserida a unidade educacional a que é pertencente. O sistema educacional passou por grandes mudanças ao longo dos anos. Do período colonial até os dias de hoje, as relações interpessoais aluno e professor passaram por grandes transformações, e continuam sofrendo mudanças. Esse processo em andamento vai

além do espaço físico escolar. A interação ocorre com os meios de comunicação, redes sociais, na igreja e no meio esportivo.

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não-formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também, na criação e elaboração de jogos, brinquedos. (LIBÂNEO, 2005, p. 27).

Libâneo (2005) entende que a educação ocorre em diferentes locais, por causa da grande diversidade de métodos que o ensino pode ocorrer, assim como pode-se pontuar normas de condutas em uma partida de futebol, do encontro dominical em uma igreja, pois são transmitidos princípios de comportamento e relacionamento interpessoal. O pedagogo, com uma visão social, voltará o seu olhar para essa grande probabilidade de fazer-se atuante dentro da comunidade. Dessa maneira, juntamente com ela, organiza uma metodologia pedagógica simples e prática para que a educação encontre espaço para a sua atuação formal e trabalhe junto à educação não formal, ou seja, possa ser utilizada dentro de um espaço não formal com aplicações relevantes, aproveitando-se das oportunidades encontradas, construindo uma ponte de aproximação do vivencial em sala de aula para com o vivencial na comunidade e da informalidade da comunidade para com a sala de aula. Daí surge uma grande aplicação na educação formal, diminuindo as barreiras e criando vínculos de pertencimento. A escola e todo o seu aparelhamento educacional deixam de ser a escola na comunidade e assume se a responsabilidade de patrimônio da comunidade. Conforme Brandão (1985), a educação está em todos os lugares “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar” (BRANDÃO, 1985 p. 27).

Conforme Brandão (1985), quando o corre o envolvimento do pedagogo social diretamente com a comunidade, a sua presença, além de ser bem-vinda pelos integrantes da comunidade, possibilita um envolvimento salutar, fazendo dessa vivência uma ponte durável entre comunidade, pedagogo e escola, resultando numa educação mais contextualizada e eficiente. Passa-se a atuar e vivenciar as causas e fatores que concorrem para que os alunos tenham um baixo desempenho de aprendizado, desse modo, a atuação pedagógica formal passa atuar no ponto das problemáticas da repetência e da evasão escolar. O pedagogo tem que ser capacitado a desenvolver e a perceber questões a respeito do processo de abandono escolar por parte dos seus alunos. Quando o corre a

percepção de que um aluno se evadiu da sala de aula, é porque o processo de abandono foi concluído, e se foi concluído, é por que houve períodos de faltas esporádicas e semanais. Até pouco tempo atrás, tinha-se entendimento da evasão por causas de necessidade econômicas e que todo aluno que abandonava a sala de aula realizava alguma atividade econômica lícita ou ilícita.

A Fundação Getúlio Vargas fez uma pesquisa no ano de 2009 com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (Pnad), do ano de 2006. Nela mostra que jovens com idade entre 15 a 17 anos tinham abandonado os estudos por falta de interesse, um total que representa 40,3% dos jovens. Segundo Charlot (2000), o tema da evasão escolar precisa ser discutido a partir de questões

sobre o aprendizado... sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das chances, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a crise, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania. (CHARLOT, 2000, p. 18)

Uns dos motivos que levam o aluno a perder o interesse no conteúdo exposto em sala de aula é a ministração de ensino fora do contexto vivencial da comunidade, excesso de conteúdo, aulas mais informativas do que formativas e falta de interação professor aluno. O aluno quando observado em sua totalidade, percebe uma maneira mais clara e abrangível o empoderamento do saber. Compreende-se que cada aluno tem o seu desabrochar em tempos diferentes, não se pode cogitar uma educação sem o contexto social do aluno, conforme Aranha (1994), uma educação “exercida a partir das vivências e com base no bom senso” (ARANHA, 1994, p. 56). O pedagogo conhecedor das metodologias e pesquisador educacional se utiliza de todas as ferramentas possíveis para a contribuição do aprender. Libâneo (1999) salienta que:

O pedagogo é um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, atendendo as demandas socioeducativas decorrentes de novas realidades, novas tecnologias, mudanças nos ritmos de vida, a presença nos meios de comunicação e informação, dentre muitas áreas que requerem a contribuição do pedagogo. (LIBÂNEO, 1999, p. 30-31)

4. UMA VISÃO DA CRIANÇA

Segundo Vigotski (2001), o professor pedagogo é capacitado para fazer a mediação dos saberes com os alunos, tornando o aprendizado prazeroso na prática do saber. Ao despertar à abstração do conteúdo programático, o aluno assume um novo papel no desenvolvimento do conhecimento, saindo da zona de absorvedor de conteúdo para a de assimilador de conhecimento. O

aluno quando despertado ao saber científico, através da mediação do seu professor, o qual utiliza as metodologias adequadas a o seu desenvolvimento de assimilação de conteúdos, leva as novas realidades do conhecimento, desta forma, o jovem aluno se torna um observador das possibilidades da expansão do conhecimento. “[...] O pensamento abstrato da criança se desenvolve em todas as aulas, e esse desenvolvimento de forma alguma se decompõe em cursos isolados de acordo com as disciplinas que se decompõe o ensino escolar” (VIGOTSKI, 2001, p. 325). O professor quando leva em consideração o que o aluno esta absorvendo do conhecimento e parte da assimilação já adquirida, aproxima os conhecimentos, criando pontes de saberes. Esse elo de interação aluno, professor e conhecimento se demonstrará em uma gradativa relação entre ensino e aprendizado. Quando a força educativa é empregada no conhecimento adquirido, o aluno se sente mais confortável para seguir em frente nas descobertas de novos conhecimentos.

Para Vygotsky, o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar o que a criança aprendeu, mas sim o que ela está aprendendo. Em nossas práticas pedagógicas, sempre procuramos prever em que tal ou qual aprendizado poderá ser útil àquela criança, não somente no momento em que é ministrado, mas para além dele. É um processo de transformação constante na trajetória das crianças. As implicações desta relação entre ensino e aprendizagem para o ensino escolar estão no fato de que este ensino deve se concentrar no que a criança está aprendendo, e não no que já aprendeu. Vygotsky firma esta hipótese no seu conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). (Creche Fiocruz, p.45 2004)

O processo de interação do professor com o aluno, quando as barreiras escolares são rompidas no processo educativo, promove o conhecimento escolar, junto ao conhecimento social, tornando-se essa aproximação uma ferramenta valiosa na contextualização do ensino para com a comunidade social. À vista disso, na sala de aula, terão estudantes mais interessados e engajados, por consequência a evasão escolar tendência e diminuir. Como diz Gadotti (2000), “cabe ao professor estimulá-lo a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas e que possa se sentir bem com o seu grupo de estudo” (GADOTTI, 2000 p. 18). A participação do estudante se torna efetiva, pois ele se encontra valorizado em suas ações. Quando o educador olha para o aluno e percebe grandes possibilidades de ser, em um futuro próximo, um transformador de opinião, torna-o um aliado no processo de ensino, investe na sementeira dos princípios do crescimento cultural e social, fazendo que sua visão seja aberta para as grandes possibilidades que o mundo oferece. Quando o aluno se empenha em apreender os ensinamentos escolares, o relacionamento entre professor e aluno ocorre de maneira franca, e se inicia a transformação e a transição dos valores interpessoais.

Poucos professores abrem mão de ser o ator principal. O relacionamento intrapessoal é mais conflitante que o interpessoal. Em seu íntimo, o professor continua a se ver como a peça fundamental do processo. Vê o educando como um aprendiz dependente, incapaz de se conduzir com autonomia, tendo o professor como facilitador, orientador estimulador de sua aprendizagem e não mais o *magister*, o “dono da verdade”. (CARDIM, 2011, p. 112-113)

Conforme Cardim (2011), alunos que mantêm um relacionamento de confiabilidade com o seu professor cria um vínculo de apego. Esse relacionamento produz uma compreensão de valorização e incentivo, no qual os educadores, além de transmitir saberes, passam a exercer o papel de motivador de conquistas. O educando assume os ensinamentos como algo positivo para a sua vida, levando-o a alçar voos mais longos na caminhada dos saberes, tudo isso por causa da valorização e apego que aproxima e encurta o caminho.

Camara e Bezera *apud*. Egeland (2011) dizem que “sendo que o apego seguro prediz resultados melhores de desenvolvimento, e o apego inseguro prediz dificuldades de comportamento e de relacionamento”, e Cardim completa, dizendo que “a afetividade não tem permeado a relação entre professor e aluno ao longo dos séculos [...]. A prática da pedagogia do afeto é passo primordial para a melhoria contínua da qualidade do processo de aprendizagem”. (CARDIM, 2011p. 118). Afetividade em sala de aula produz bons resultados quando aplicada na forma de incentivo e motivação. O pedagogo que consegue equilibrar conteúdo com motivação, sem esquecer que os saberes são o principal, e valorizando o aluno como ser humano, contribui para o seu crescimento perante a construção de uma vida futura.

5. A INTERAÇÃO COM A FAMÍLIA

Salienta Paro (1997) que a interação com a família do aluno faz com que o pedagogo assumo o papel de um educador social de influência. A aquisição de saberes, por parte do professor, resultante do processo de formação, proporciona uma humanização nos conteúdos pedagógicos, pois põe o trabalho pedagógico em uma posição de instrumentalização, aproximando o conteúdo programático à realidade socioeconômica e familiar da criança. Essa interação aumenta o interesse por parte da criança e da família, criando pontes de comprometimento, gerando saberes duráveis. O educador comprometido com a tarefa de ensinar conteúdos para a formação de alunos capacitados necessita da presença da família, e quando essa união entre educador e família ocorre, tem-se uma educação de qualidade. Ao convidar a família para o comprometimento com o saber educativo de seus filhos, o ganho educacional cresce, pois as preocupações passam ser o aluno e sua assimilação

dos conhecimentos e a sua aplicação na formação do caráter pessoal e coletivo na comunidade. Desse modo, a escola assume a função social e educacional, além dos seus limites. Como diz Paro:

a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. (PARO, 1997, p.30)

A escola, ao assumir a função social, cujo objetivo primário é a formação de novos saberes, compreende que a família e ela constituem a centralidade, a essência e o combate à evasão escolar. Segundo Valenine (1995), "a cidadania é o espaço para a realização das pessoas". A unidade familiar bem trabalhada, em prol dos saberes, fará com que o ganho social se afaste do discurso político e assuma a real função educativa e social que lhe compete.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. (OSORIO, 1996, p.82).

O pedagogo, ao formar conhecimento em seus alunos, norteado por um currículo pedagógico que leva em consideração a contextualização dos saberes do senso comum, direciona os alunos a uma reflexão científica e aproxima o estudante de novas realidades e possibilidades de crescimento. Como cidadão, oportuniza que a comunidade que ele está inserido se desenvolva juntamente com ele. O crescimento está intimamente ligado ao desenvolvimento familiar do aluno, nessa percepção, o pedagogo social derruba as barreiras sociais e cria pontes de convivência de ajuda mútua. Quando ocorre essa aproximação: pedagogo, criança e família, os resultados de desenvolvimento e assimilação de saberes se torna natural no desenvolvimento do aluno. Quando a reflexão da assimilação do aluno reflete na capacidade do relacionamento saudável com a sociedade, esse vínculo familiar se torna um elo na construção de uma sociedade pautada em princípios familiares e educacionais, e o pedagogo social poderá circular, agregando valores à vivência escolar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que essa interlocução de um pedagogo comprometido com a educação de qualidade é ligada e sustentada por um tripé. Composto por ele, que é bem mais que um formador

de conhecimento, mas incentivador em todos os aspectos da vida educacional de seus alunos, o aluno, que é incentivado e motivado a se sentir seguro para interagir sem temor com os recursos assimilados e expressá-los ao formar suas opiniões com seus colegas e seus familiares, e família, que observa a desenvoltura das crianças e, com elas, aproximam-se de seus professores, criando um estreitamento de vínculos de confiança, promovendo o exercício da autonomia, na concepção dos conhecimentos. Os vínculos de saberes ocorrem entorno do pedagogo, da criança e da família. Só é possível o sucesso da assimilação dos saberes e do crescimento social do indivíduo com a predisposição de cada um dos envolvidos. É uma tarefa pedagógica social que requer envolvimento.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: abril Cultura; Brasiliense, 1985.
- CARDIM, P. A. G. **O professor como elo entre a escola e o estudante**: como evitar a evasão, em: COLOMBO, Sonia Simões; RODRIGUES, Gabriel Mario (orgs.). *Desafios da gestão universitária contemporânea*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2011.
- CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 2000.
- LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Formação dos profissionais em educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. In: PIMENTA, S. G. *Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 1. p. 11-58.
- LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 1998.
- LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez, 2005.
- OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PAIVA, Jane. **Contradições na formulação das políticas de educação: inclusão/exclusão, autonomia, cidadania, qualidade como consequência dos fatores legais e de financiamento**. Rio de Janeiro, 2017.
- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. [s.l.]: Xamã.
- TOSCANO, Moema. **Sociologia Educacional**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VALENINE, L.D. **Qual Cidadania?** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 15. Fortaleza CE, 1995. o Professor necessário na construção da cidadania. Fortaleza, AEC, Jul. 1995.

The logo for ECCI (XVI Encontro Científico Cultural Interinstitucional) features the letters 'ECCI' in a stylized, gold-colored font with a shadow effect, set against a dark purple background with a gold arrow pointing right.

XVI ENCONTRO
CIENTÍFICO CULTURAL
INTERINSTITUCIONAL

TRANSFORMAÇÃO
e **INCLUSÃO**



VIGOTSKII, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 303-345.